

# O verdadeiro ladrão e o falso a

## No Jardim Botânico, macaco é flagrado furtando bananas

Renata Monty

• Um dia depois de uma leitora ter enviado à seção Eu-Repórter, de jornalismo participativo do GLOBO, o flagrante de uma invasão de um apartamento, praticada por um macaco-prego, no Jardim Botânico, outra moradora do bairro, a jornalista Lillian Dias, contou ter sido vítima dos primatas. Um deles entrou na sua cozinha e furtou não só uma banana, mas a pence inteira. O animal tinha comparsas, que ficaram do lado de fora.

— A ação é coordenada. Um vem para furtar e os outros esperam do lado de fora para carregar. É engraçado, mas também assustador.

Os macacos-prego, que têm invadido casas no Jardim Botânico, Cávca e Cosme Velho, também têm agido no Humaitá. Em busca de comida, uma "gangue" escalou as paredes do Instituto Estadual de Cardiologia Aloysio de Castro. Segundo o estatístico Nelson Pfefer, vizinho à unidade, a movimentação e os furtos aumentam no inverno.

— No verão, como há muita jaca, eles não passam por aqui — afirmou ele.

Bióloga do Jardim Botânico, Cristiane Rangel disse que, para evitar visitas, é preciso instalar grades. Em caso de comportamento agressivo, o Ibbarna deve ser chamado (3077-4316).

Foto da leitora Lillian Dias



EU-REPÓRTER

UM MACACO leva frutas da cozinha de uma moradora, que viu o resto do bando esperando do lado de fora da janela para dividir o produto do furto



# Depois dos micos, macacos-prego invadem cozinhas atrás de comida

Moradores de bairros perto da mata dizem que incidentes aumentaram

Maria Elisa Alves

• Durante o 14º Circuito de Artes do Jardim Botânico, que ocorreu nos dois últimos fins de semana, as pinturas, cerâmicas, fotografias, peças de artesanatos e roupas chamaram a atenção, mas o que rendeu mesmo falatório nos ateliês foi outro tipo de arte: a que os macacos-prego vêm fazendo nos apartamentos da região. Cozinhas reviradas, frutas e até bolo de chocolate roubados tomaram conta das conversas entre os artistas e moradores do bairro: todos tinham uma história curiosa para contar. A artista plástica Patrícia Salomonde, por exemplo, comentava sobre a "invasão" do apartamento da vizinha, Maria Henriqueta Krepel, que teve a rede de proteção da janela rasgada por primatas.

Moradores da Gávea, Humaitá e Cosme Velho dizem que virou rotina se deparar com um *Cebus apella* no meio da casa. De maior porte do que os já onipresentes saguis, os macacos-prego sempre pularam de galho em galho nos bairros perto de Mata Atlântica e, vez por outra, entravam numa cozinha. Este ano, porém, moradores relatam que as "visitas sem convite" estão mais frequentes. Há sete anos no Cosme Velho, Ruy Dias diz que nunca havia tido sua residência invadida. De abril para cá, foram quatro vezes. No caso de Maria Henriqueta, a situação se agravou há menos tempo:

— Há dois meses, piorou muito. Já entraram na minha cozinha mais de uma vez. Na última, o macaco comeu um bolo e levou um frango que estava descongelando na bancada.

O militar Átilla Felipe, tam-

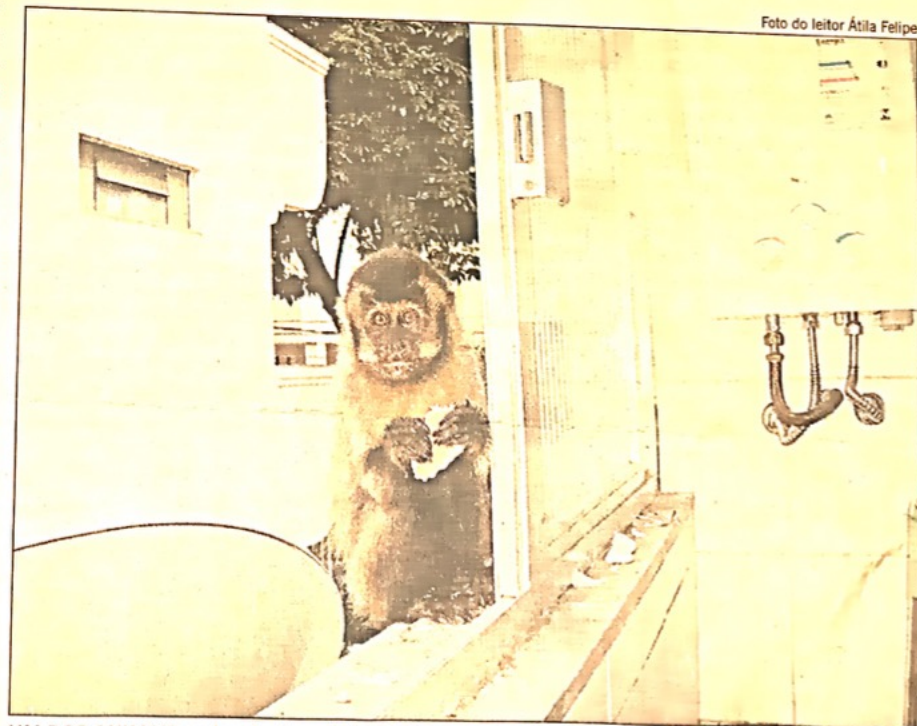


Foto do leitor Átilla Felipe

UM DOS ANIMAIS na janela da cozinha foi fotografado pelo militar Átilla Felipe, no Jardim Botânico

bém morador do Jardim Botânico, instalou telas antimacaco na sua janela. Informado que as redes de nylon acabavam rasgadas pelos animais, ele optou pelas de metal, mais resistentes. Exagero? Certamente não: ele já teve a cozinha revirada por cinco primatas, que entraram após conseguirem retirar a chaminé da tubulação de gás. O resultado do saque foi desanimador: achocolatados jogados nas paredes, saco de açúcar virado pelo chão, pacotes de biscoito surruidos.

— Era bonitinho, mas ficou trágico — diz Átilla, experiente em lidar com a macacada após morar em Manaus. — Lá, os prego eram muito mal educados.

Quebravam móveis, tudo. Aqui, só fazem bagunça e pegam o necessário. São educados.

Educados, mas perigosos. Segundo Anderson Mendes Augusto, gerente de Biologia do Zoológico do Rio, o macaco-prego pode ser agressivo se acuado:

— Eles têm boa mordedura e caninos afiados. Podem rasgar até um tendão da vítima. Isso sem contar que elas vão ter que tomar vacina antirrábica.

Mas o que fazer diante de um macaco com cerca de 4 quilos e 60 centímetros? Moradores da Rua Oliveira Rocha têm apelado: semana passada, uma síndica pediu ao porteiro para que soltasse fogos de manhã — os macacos costumam circular em

bandos, entre 7h e 10h —, para afugentá-los. Na última quinta-feira, uma moradora achou utilidade numa vuvuzela, guardada da Copa: tocou contra um macaco, que fugiu em disparada.

— Nunca se deve espantá-lo. O certo é trancar o cômodo em que ele está e chamar o Corpo de Bombeiros — diz Anderson, que recomenda também que nunca se alimente os animais.

Segundo Bernardo Issa, chefe do Parque Nacional da Tijuca, a invasão dos macacos acontece todo inverno, quando há escassez dos frutos na mata:

— A partir de setembro, outubro, as árvores voltam a frutificar e os moradores são deixados em paz — tranqüiliza. ■